



Confluências Culturais

Revista Interdisciplinar

v. 13, n. 2: História e Patrimônio: da Imigração do Século XIX ao Presente – 2024 – ISSN 2316-395X

A família portuguesa na comunidade de
Santa Isabel e sua atuação na formação
dos lusodescendentes (1960-1980)

The Portuguese family in the community
of Santa Isabel and its role in the
education of Portuguese descendants
(1960-1980)

La familia portuguesa en la comunidad
de Santa Isabel y su papel en la
formación de la descendencia
portuguesa (1960-1980)

Natalia da Paz Lage¹

Recebido em: 25 ago. 2024
Aceito para publicação em: 1.º nov. 2024

Resumo: Por meio dos estudos de imigração histórica e de família, buscamos analisar a formação identitária de filhos e netos de imigrantes portugueses fundadores da comunidade de Santa Isabel, localizada na cidade de Petrópolis (RJ), com base nas interferências do núcleo familiar e do coletivo comunitário. A ideia é entender os limites da ação coletiva na formação individual dos luso-brasileiros da comunidade, assim como o papel desempenhado pelos valores culturais portugueses nesse processo. Utilizaremos os conceitos de lugares de geração, de Aleida Assmann, pós-memória,

¹ Doutoranda e mestra em História Política, na linha de Política e Cultura, pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IFCH-Uerj), com pesquisa financiada pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

de Marianne Hirsch, e poder simbólico, de Pierre Bourdieu. No que tange à metodologia, privilegamos a História oral, com 13 entrevistas realizadas, inserindo imigrantes e descendentes, nas quais também conseguimos captar as subjetividades dos entrevistados e seu olhar acerca do papel que ocupam na comunidade de Santa Isabel. Acreditamos, assim, ser possível destrinchar parte da complexidade presente na formação de comunidades étnicas e da identidade das famílias imigrantes que fizeram parte da construção social brasileira no século XX.

Palavras-chave: imigração portuguesa; família; identidade étnica; comunidade de Santa Isabel.

Abstract: Based on historical immigration and family studies, we seek to analyze the identity formation of children and grandchildren of Portuguese immigrants who founded Santa Isabel community, located in the city of Petrópolis (RJ), Brazil, based on the interference of the family nucleus and the community collective. The idea is to understand the limits of collective action in the individual formation of Portuguese-Brazilians in the community, as well as the role played by Portuguese cultural values in this process. We use the concepts of places of generation by Aleida Assmann, post-memory by Marianne Hirsch, and symbolic power by Pierre Bourdieu. Regarding the methodology, we privilege oral history, with 13 interviews carried out, including immigrants and descendants, in which we are able to capture the interviewees' subjectivities and their view of the role they play in Santa Isabel community. We believe, therefore, that it is possible to unravel part of the complexity present in the formation of ethnic communities and the identity of immigrant families, which were part of Brazilian social construction in the 20th century.

Keywords: Portuguese immigration; family; ethnic identity; Santa Isabel community.

Resumen: Desde estudios históricos de inmigración y familia, buscamos analizar la formación de identidad de hijos y nietos de inmigrantes portugueses que fundaron la comunidad de Santa Isabel, ubicada en la ciudad de Petrópolis (RJ), Brasil, por medio de la interferencia del núcleo familiar y la comunidad colectiva. La idea es comprender los límites de la acción colectiva en la formación individual de los portugueses-brasileños en la comunidad, así como el papel desempeñado por los valores culturales portugueses en ese proceso. Utilizamos los conceptos de lugares de generación de Aleida Assmann, post-memoria de Marianne Hirsch y poder simbólico de Pierre Bourdieu. En cuanto a la metodología, privilegamos la historia oral, con 13 entrevistas realizadas, entre inmigrantes y descendientes, y por las entrevistas pudimos captar las subjetividades de los entrevistados y su visión sobre el papel que desempeñan en la comunidad de Santa Isabel. Creemos, por tanto, que es posible desentrañar parte de la complejidad presente en la formación de comunidades étnicas y en la identidad de las familias inmigrantes, que formaron parte de la construcción social brasileña en el siglo XX.

Palabras clave: inmigración portuguesa; familia; identidad étnica; Comunidad de Santa Isabel.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista as novas abordagens no campo dos estudos da imigração histórica no Brasil, direcionamos nosso olhar para a construção da identidade geracional portuguesa na comunidade de Santa Isabel, localizada na cidade de Petrópolis (RJ), com base na influência dos núcleos familiares e nos símbolos materiais e imateriais que reverberaram na descendência mais jovem sobre a memória e história dos imigrantes portugueses que adentraram o território na década de 1930. A escolha do recorte temporal da

nossa discussão parte da ideia de inserir as três gerações agentes na formação social da comunidade de Santa Isabel: os imigrantes portugueses, seus filhos e seus netos.

Tal comunidade fornece ao pesquisador pontos interessantes sobre sociabilidade, formação identitária e trajetórias dos imigrantes portugueses, que partiram das zonas rurais de Portugal em um período de intensas questões políticas e econômicas com a ditadura salazarista. Conseguimos, mediante análise em pequena escala, entender o processo amplo da imigração portuguesa para o Brasil. Nosso objetivo nesta pesquisa é analisar a construção de identidade dessas famílias em Santa Isabel, com enfoque para a segunda e a terceira geração, por meio de mecanismos simbólicos, como a festa de Santa Isabel, que remonta aspectos culturais e memorialísticos, em território brasileiro, das freguesias de origem, principalmente de Vila Real.

Para a proposta apresentada, buscamos utilizar fontes orais, analisando por meio da metodologia de história oral 13 entrevistas realizadas entre os anos de 2020 e 2024 com imigrantes portugueses e seus filhos. Ressaltamos que a nossa participação enquanto membros da terceira geração da comunidade contribuiu para o aprofundamento das discussões e o olhar acerca da formação de identidade. Visando atender ao ponto argumentativo da interferência do coletivo familiar português na construção da identidade dos indivíduos pertencentes à geração nascida no Brasil, dividimos a discussão nos seguintes pontos: as correlações entre o sistema familiar português com o luso-brasileiro de Santa Isabel; a construção de identidade dos descendentes de segunda e de terceira geração, apontando os limites do coletivo comunitário na formação e no entendimento de si; e a análise dos elementos simbólicos presentes na festa de Santa Isabel que colaboraram para a construção da identidade individual e coletiva com base na cultura portuguesa, como modelo prático do processo empreendido pelos imigrantes para reelaborar no Brasil suas aldeias natais portuguesas.

AS FAMÍLIAS PORTUGUESAS DE SANTA ISABEL

O norte de Portugal carregava, ainda no século XX, muitas características sociais da formação familiar do Antigo Regime. Os núcleos familiares estavam subordinados à solidariedade local e aldeã e, essencialmente, ao poder da Igreja, com rigor religioso, em que a família era responsável pela manutenção da ordem e moral social, assim como pela educação e pelo comportamento dos filhos, tanto na fase da infância quanto na vida adulta (Ferreira, 1995, p. 50). A desigualdade social nessas sociedades era vista de forma benéfica e essencial para a manutenção da ideologia vigente, beneficiando os privilégios das elites locais e da Igreja. Essa característica fulcral do Antigo Regime só se desfez, em grande parcela, no norte português a partir da Revolução dos Cravos, em 1974.

O valor moral vigente nas freguesias era a honra; por meio dela era possível preservar o prestígio social e patrimonial (Ferreira, 1995, p. 52). Os acordos tinham a palavra como cláusula no Antigo Regime português e permaneceram nos séculos seguintes como fundamento de transações econômicas e sociais, como o casamento. Portanto a autodisciplina dos sujeitos ditava a organização do núcleo familiar e o modo como esses membros deveriam agir em sociedade. A vida dos portugueses no Antigo Regime era dedicada ao trabalho e à religião, elementos centrais do cotidiano e da estrutura familiar nortenha portuguesa do século XX. Os ideais de trabalho e moral familiar continuaram a fazer parte do hábito português durante a imigração para os países americanos.

As regiões do norte de Portugal foram, portanto, marcadas pela vida no campo e pela ordenação do cotidiano baseado no trabalho na lavoura. As ações de cada membro

da família eram regidas pelo projeto coletivo do núcleo do qual fazia parte e do poder econômico a que estava subordinado. A realidade das aldeias nortenhas era desenhada pela hierarquização das famílias: havia os mais abastados, nomeados camponeses ricos; os camponeses pobres, que ainda possuíam pequenos lotes de terra para cultivo de produtos de subsistência; e os jornaleiros agrícolas, a população mais pobre das regiões, cuja sobrevivência dependia dos camponeses ricos, que pagavam salários baixos para o trabalhador ou davam a este apenas alimentação e teto em troca do serviço (Wall, 1998, p. 58-60). A visão acerca dos jornaleiros pelas demais classes sociais das freguesias portuguesas era de uma mão de obra barata e inesgotável.

Diante da variação de núcleos familiares a que o português pertencia, a dinâmica social cotidiana era diferenciada em várias instâncias, principalmente no que tange ao trabalho, porém alguns pontos da vivência rural portuguesa permeavam a vida de todas as classes. Iniciamos pelo fato de a atividade agrícola ser a principal fonte de renda familiar e econômica da região. De acordo com Karin Wall (1998, p. 23) a explicação se daria por Portugal ainda ser, na primeira metade do século XX, uma sociedade protoindustrial, em que os produtos eram elaborados por artesãos em pequenas oficinas ou nas próprias residências, sem produção em grande escala, mas visando ao abastecimento das próprias aldeias. No que se refere à produção agrícola, cabe percebermos os contrastes sociais dentro de Portugal: mais ao sul houve a predominância de latifúndios e com produção para a venda externa; no norte vivenciou-se uma produção em pequena escala, com minifúndios e lotes de terras, modernização letárgica, mas com diversidade nos produtos. A explicação para a diversidade de produtos agrícolas do norte foi o fator geográfico; a região concentrava relativa abundância de chuvas em relação ao sul, facilitando a irrigação. Permitiu, assim, colheita de alimentos ausentes em outras regiões (Scott, 2018, p. 56).

O trabalho na lavoura concentrava a maior parte do tempo e força dos portugueses de Trás-os-Montes. O dia a dia era pautado nos períodos de colheita e estiagem, como nos próprios processos de produção da terra: aragem, plantação, capina, adubamento (feito com o próprio esterco dos animais de cultivo nas propriedades, especialmente as vacas) e colheita. Aplicava-se, também, a rotação de cultura como tática de produtividade do solo, técnica desenvolvida ainda na Idade Média, assim como a aragem por tração animal. Cada membro da família era essencial para que esse processo se concretizasse e a sobrevivência estivesse garantida, preconizando o trabalho agrícola coletivo e que houvesse, naquelas aldeias, um sistema de ajuda mútua assentado na solidariedade entre vizinhos e famílias.

A lida na lavoura iniciava-se ao nascer do sol, para o aproveitamento máximo da luz do dia, pois as lamparinas a gás eram muito caras, portanto se dormia logo ao anoitecer. As crianças participavam das tarefas domésticas e da lavoura. Nas famílias mais abastadas, os meninos seguiam o pai e a mãe na lida, enquanto as meninas ficavam em casa fazendo as tarefas domésticas com as empregadas (Wall, 1998, p. 46-56). Nas famílias dos pequenos camponeses e dos jornaleiros, todos iam para o trabalho na lavoura, e as esposas e suas filhas realizavam dupla jornada, por conta das demandas da casa. O único momento de pausa no dia era para a realização das refeições, por isso podemos entender que a base do cotidiano dessa população ocorria por meio da alimentação e do trabalho. Quanto às mulheres, elas ficavam responsáveis, ainda, por fazer a comida, lavar a roupa, tratar dos animais, produzir vestimentas com as técnicas de costura etc. Por causa da excessiva carga de trabalho, o ambiente de maior convívio das pessoas eram as cozinhas de seus respectivos lares, principalmente no inverno, pois o fogão à lenha mantinha o calor (Castro, 2010, p. 29). Nesse ambiente tão utilizado pelas mulheres portuguesas, elas buscavam suplantam a subordinação do patriarca, dentro das

proporções possíveis, trazendo suas opiniões à mesa, pois aquele era seu ambiente de domínio (Certeau, 1980, p. 50).

De forma geral, as famílias portuguesas foram as responsáveis pela construção identitária da população, acentuando a relação de pertença com a terra portuguesa. Como afirma Ana Silvia Scott (2018, p. 84), os portugueses se mostram, seja em território natal ou estrangeiro, muito ligados ao seu local de nascimento e ao de seus antepassados. Acrescentamos a isto, também, o sentimento de pertença desenvolvido nos descendentes dos imigrantes no Brasil, que possuem laços de afetividade por Portugal por meio de pais e avós. Scott (2018, p. 84) vai mais a fundo, afirmando não ser um sentimento nacionalista, mas regionalista, onde os portugueses se identificam enquanto “minhotos” e “Transmontanos”, por exemplo. As tradições familiares fizeram da terra não só um bem material, mas de existência. Em especial, as mulheres portuguesas desenvolveram, na criação e organização familiar, mecanismos de perpetuação da cultura lusitana.

Nas aldeias portuguesas as mulheres eram a base do funcionamento econômico agrícola e da perpetuação familiar. Por meio dos relatos do viajante Bell Albrey, a autora Maria Aparecida Pascal (2003, p. 1) afirma que dois terços do trabalho em Portugal eram realizados por mulheres. A principal área de atuação do contingente feminino encontrava-se nas lavouras, pois os homens preferiam trabalhos artesanais como a carpintaria e a atuação como pedreiros. A administração das propriedades, do trabalho dos membros da família e das demandas do lar estavam intrínsecas às obrigações da mulher portuguesa.

Diante do cenário apresentado sobre a formação familiar no norte de Portugal, acentuando a função desempenhada pela mulher, entendemos que os imigrantes portugueses da comunidade de Santa Isabel estabeleceram padrões similares no desenvolvimento de suas famílias luso-brasileiras. Com base nas entrevistas realizadas, conseguimos identificar o papel do marido, da esposa e dos filhos, assim como as ações que permitiram assimilar os dois lados do Atlântico: Portugal e Brasil. Entre as principais características adotadas ressaltamos: o trabalho como engrenagem das redes sociais internas e externas ao núcleo social; os valores morais religiosos católicos, que fundamentaram o controle e a permanência, no seio familiar, dos membros que os compunham; o papel da terra e da casa na formação da identidade e do convívio do núcleo, compondo para o todo comunitário lugares de memória (Nora, 1993, p. 21-22).

As mulheres portuguesas de Santa Isabel, em sua maioria analfabetas e lavradoras, dedicavam-se tanto ao trabalho braçal das plantações de flores quanto aos serviços no interior das casas. Seja como filhas, mães ou avós, a sua função não se restringia a lavar, cozinhar, cuidar das crianças, mas estendia-se a ser base para o sustento da família. Carregavam cestos, alimentavam os animais, plantavam e colhiam cotidianamente a produção. Restritas ao ambiente da chácara, já que os homens eram responsáveis, muitas vezes, pelas tarefas que precisavam ser feitas nos centros urbanos, o horizonte de possibilidades das portuguesas de Santa Isabel eram a casa, as terras e a amizade das patrícias das chácaras vizinhas, que comungavam do mesmo espaço de ação. Foi com essas ferramentas que as portuguesas se tornaram as mantenedoras não só das famílias, mas da comunidade de Santa Isabel. Aos homens cabiam o trabalho na lavoura, o comércio dos produtos e aparentemente a administração financeira da casa; aos filhos era designado o auxílio constante aos pais tanto na casa quanto na plantação, sendo a escola um fator coadjuvante, portanto eles eram mão de obra essencial para a sobrevivência do grupo.

Eu admiro muito essas portuguesinhas, elas com aqueles bracinhos amassavam 10 kg de farinha para fazer pão [...]. Por isso esse povo daqui merece muito, os homens eram muito

fortes, mas a mulher, em casa e no trabalho, era essencial. Se esse Caxambu está erguido, tem a força das mulheres. Está certo, os homens sofreram, mas eles não colocaram 10 filhos para fora sem médico e cuidar sem nada, sem uma fralda descartável (Lage, 2024).

O destaque dado para a mulher, principalmente como esposa e mãe, não é gratuito. A comunidade de Santa Isabel, de forma geracional, teve muitas famílias chefiadas por mulheres, e os motivos variam; o principal era a viuvez, mas também casos de alcoolismo dos maridos, abandono do lar, relacionamentos extraconjugais dos esposos etc. Mesmo com maridos vivos, as mulheres portuguesas e luso-brasileiras tornavam-se administradoras do patrimônio familiar por necessidade. A sobrevivência da família passava a ser sua responsabilidade.

As relações internas das famílias de Santa Isabel desenvolveram-se pelas atribuições do trabalho e pelo compromisso de cada sujeito com seu núcleo parental. Na década de 1930, todo o trabalho realizado pelas famílias em suas respectivas chácaras era voltado para a plantação de flores, a criação de animais, como vacas, porcos e galinhas, e o cultivo de algumas verduras e legumes para autoconsumo. Para haver mercadoria, era necessária a repetição diária dos processos: preparar a terra, plantar, regar, colher, vender, cuidar dos animais e assim sucessivamente. Nesse fazer contínuo, incluíam-se a preparação do alimento, a costura das roupas, lavar, passar, limpar, cuidar das crianças. O sujeito nascido na família portuguesa de Santa Isabel era inserido na lógica das freguesias de nascimento de seus pais, do trabalho como base de vida e das obrigações mútuas com o coletivo.

Se trabalhava muito, a gente ficava satisfeito de ter onde trabalhar, lá em Portugal a gente nem tinha. Eu só fiquei quatro meses como empregado aqui no Brasil, depois fui trabalhar por minha conta com as flores. Não tinha muito trato com as flores, mas fiquei com os fregueses do Rio do antigo dono da minha chácara e fui me acostumando. Mas a gente trabalhava muito mesmo, levava duas horas a pé de onde eu morei até o centro de Santa Isabel para despachar a mercadoria. Às vezes ia em um burro muito velho, que praticamente se andava mais a pé do que nele [risos] (Carvalho, 2023).

O trabalho proporcionava às famílias de Santa Isabel o crescimento de suas redes sociais, como ocorria no momento da troca de mercadorias, de despacho das flores, ao ir trabalhar na chácara de seu patrício, ao ensinar as filhas do vizinho a costurar e bordar, ao matar um porco e dividir com os outros etc.

O meu pai matava porcos de 6 em 6 meses, então ele matava dois porcos por ano, mas não ficava com toda a carne. Uma perna ia para o Mesquita, outra para a dona Inácia, a terceira para a dona Augusta e a última para o Cinza. Aí quando eles matavam um porco, a pessoa chegava com um saco de ração, branco, nas costas, todo ensanguentado com aquela perna de porco. Então tinha carne o ano inteiro, porque eles já se programavam para sempre ter e colocava tudo na banha (Gomes, 2024).

O cotidiano da lavoura, tipicamente português, criou laços de solidariedade entre sujeitos imigrantes, que fomentaram dependências afetivas manifestadas nas relações dos descendentes, como na escolha de cônjuges.

As obrigações e os deveres atribuídos aos sujeitos nas famílias luso-brasileiras de Santa Isabel visualizados no âmbito econômico do trabalho foram reiterados por fatores simbólicos, por discursos e por valores professados pela prática da religião católica. Nas entrevistas, os imigrantes deixam claro como a ida às missas, as orações realizadas em família e os exemplos dos santos foram centrais para a “harmonia” do grupo e a perpetuação dos vínculos. Os valores pregados pela Igreja Católica em Portugal

reverberaram na ideia de obediência dos filhos aos pais, da esposa enquanto a guardiã da família, acima de qualquer problema, e do homem como o patriarca, o chefe do grupo, a quem todos deviam respeitar e obedecer. As inúmeras regras aprendidas no catecismo das freguesias portuguesas eram professadas em Santa Isabel e transmitidas aos descendentes. As confissões, as orações diárias, o controle das ações, o medo do pecado, o cuidado com o que vestir e o que falar, o respeito às hierarquias familiares e principalmente o cumprimento do dever destinado à pessoa na família estavam ligados ao grupo social visto como imprescindível no campo religioso, aos moldes da Sagrada Família, composta por Maria, José e Jesus.

As sutilezas religiosas incorporadas por gerações na vida prática de famílias, em Portugal e no Brasil, proporcionaram, na criação das identidades, o laço indissociável do indivíduo com o coletivo. Como dito, entravam na estrutura dois espaços, em que tanto o trabalho quanto a prática religiosa ganharam força: a terra e a casa. A posse de terra para o português significava não só um lugar para produzir, mas também o sentimento de ter um lugar no mundo e o *status* de ser dono de seu destino. Atrelado à terra, construía a casa, ambiente onde as trocas relacionais ganhavam força, lugar em que as mulheres portuguesas da comunidade se tornavam protagonistas das ações sociais do grupo familiar. Era nas casas que aconteciam os mais importantes momentos de lazer e sociabilidade das famílias luso-brasileiras de Santa Isabel: as visitas.

Nós, mulheres, saíamos muito pouco, só aos domingos para visitar familiares e amigos. Íamos na casa de um e de outro, quando nascia um bebê, íamos levar presentes. Mas tudo nas chácaras vizinhas. Também saíamos quando era para ir em algum casamento (Cabo, 2024).

No domingo abriam-se as portas para visitas a recém-casados, para as crianças que nasciam, as comadres e compadres, os amigos portugueses e os amigos feitos no Brasil. As chácaras, compostas por terras cultiváveis e casas, tornaram-se para as gerações seguintes lugares de memória em Santa Isabel, onde o sentimento de pertencimento ao coletivo e a memória familiar se fizeram presentes.

A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DOS DESCENDENTES LUSO-BRASILEIROS

A vivência comunitária em Santa Isabel, incluindo aspectos materiais e imateriais, propiciou aos indivíduos construir suas identidades com base no coletivo, nos laços de reciprocidade e na visão de uma família ampliada, em que estavam inseridos vizinhos e parentes distantes. As biografias dos sujeitos, assim como suas escolhas, eram permeadas dos deveres e das obrigações para com suas famílias, assim como da ideia do que era melhor para o grupo. Peguemos o exemplo da imigração; com base nos relatos, vemos que o ímpeto de imigrar não correspondia apenas ao desejo individual de enriquecer ou se aventurar por um mundo novo, mas era um projeto coletivo e da família. Imigrar visava dar melhores condições para os seus, possibilitar o avanço social e econômico da família dentro da freguesia. O carácter coletivo da imigração apresentou-se nas cartas de chamada, em que o imigrante já estabelecido em território estrangeiro se comprometia perante as autoridades governamentais a se responsabilizar por seu patrício, garantindo trabalho e moradia. Portanto, é um documento oficial que renova as ligações entre os indivíduos e do imigrante com a sua sociedade de origem.

Precisava da carta de chamada para começar toda a documentação lá em Portugal. Essa carta era como se estava a chamar para imigrar, porque todo mundo se oferecia para ir, mas precisava de alguém que já estivesse aqui, parente ou amigo, que mandasse essa carta, porque só daí se desencadeava todo o desenrolar da documentação para vir em caráter legal (Moraes, 2022).

Os portugueses estabelecidos na comunidade de Santa Isabel incorporaram na formação da comunidade o contexto social português em que suas identidades foram formadas (Levi, 2006, p. 169). Com isso foram desenhados campos de ação plurais dentro do núcleo comunitário em que os filhos e netos estabeleceram relação com os elementos da cultura dos seus antepassados. Podemos, nessa perspectiva, fortalecer o argumento de que as descendências das famílias locais perpetuaram a coesão do grupo durante os anos, por terem desenvolvido suas identidades com base nas experiências culturais/sociais formatadas pelos imigrantes portugueses no espaço comunitário.

Assim como Pierre Bourdieu (2006, p. 189-190), ao afirmar a necessidade de entender a trajetória do sujeito nas suas relações coletivas e, portanto, partindo também dos campos de ação do indivíduo, acreditamos que a vivência cotidiana das gerações luso-brasileiras na comunidade é a chave para a compreensão da base estrutural identitária desses indivíduos. A intensidade das relações familiares estabelecidas no interior de Santa Isabel, onde a agricultura, a religião, o modo de falar, os hábitos alimentares, as formas de expressar as emoções, músicas, danças, o sentimento de solidariedade para com o outro atuam como ferramentas de preservação do grupo, é agregada sutilmente nos indivíduos desde o nascimento, fazendo com que, mesmo com a saída dos descendentes da comunidade, os laços de conexão do grupo permaneçam. Na festa de Santa Isabel, realizada no dia 4 de julho, vemos a presença de famílias descendentes moradoras de outros bairros, como Bonfim e Vale das Videiras, que possuem outras profissões, mas buscam manter o vínculo com a origem territorial da sua família nuclear:

Eu não me sinto brasileira, inclusive não tenho afinidade com os costumes brasileiros. Minha ligação e identificação como portuguesa ocorreu pela vivência que eu tive com a minha família em Santa Isabel e os anos que passei morando em Portugal (Gomes, 2024).

A atuação do coletivo de Santa Isabel na formação identitária dos sujeitos luso-brasileiros fica aparente quando direcionamos nossa análise para a escolha e o papel dos nomes e sobrenomes dos descendentes. Como afirma Bourdieu (2006, p. 187), o nome próprio é o atestado mais visível da identidade do seu portador nas esferas sociais e no decorrer do tempo. Por meio do nome, são atrelados todos os feitos e as memórias construídas pelos indivíduos. Por outro lado, o nome é a primeira ação coercitiva do social sobre o sujeito. Quando possuímos a percepção de nós mesmos, já portamos um nome e uma história elaborada aquém das nossas escolhas.

Ao trazer tal aspecto para o campo da comunidade de Santa Isabel, o nome ganha outro significado. O sobrenome da família e o espaço que os sujeitos ocupam na rede familiar dirão mais sobre a sua identidade para o coletivo comunitário do que o nome próprio e os feitos deles em outros núcleos de interação social. Por exemplo, o nome Natalia, mestra em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), não possui o mesmo peso em Santa Isabel do que o fato de ser neta de Laureano Lage e Manuel Marques da Paz Filho. O sobrenome diz para o sujeito descendente quem ele é e o seu papel na comunidade. Portanto, a família insere no campo de ação dos indivíduos ferramentas da cultura portuguesa de seus anciãos, que serão ressignificadas no fazer cotidiano de cada sujeito.

Podemos entender que a identidade das gerações se construiu com base na produção e aquisição contínua de experiências, tanto pelos sujeitos quanto pelas

memórias e vivências de seus antepassados (Assmann, 2011, p. 109). Em continuação ao papel desempenhado pelo nome próprio, a experiência religiosa católica dos imigrantes portugueses e dos membros de segunda e terceira geração produziu escolhas de nomes de pessoas que atuaram diretamente na construção da identidade local. A opção por nomes compostos que inserissem Fátima, em homenagem e consagração a Nossa Senhora de Fátima, santa de devoção dos moradores, fez-se constante. Ao se decidir pelo nome da Virgem Maria, padroeira dos agricultores portugueses, depositava-se nas mulheres, indiretamente, expectativa relacionada a vários elementos religiosos, de valores e obrigações.

A memória dos imigrantes torna-se agente transformador das identidades dos descendentes, por meio de manifestações sutis e indiretas como os nomes. Recordar os elementos da cultura e da vivência portuguesa no cotidiano da comunidade de Santa Isabel possibilitou uma corrente de transferência de traços identitários: a minha recordação transforma-se na nossa recordação, ao ser compartilhada (Assmann, 2011, p. 112). Ao entrevistar moradores da segunda geração da comunidade, eles apresentaram uma relação emocional intensa com as memórias portuguesas, mesmo nunca tendo viajado para Portugal. Foram as memórias inter-geracionais transmitidas, principalmente por vias da construção de identidade e da constante inserção do sujeito descendente no fazer coletivo, que proporcionaram a permanência de características portuguesas na comunidade.

A construção da memória dos sujeitos ocorre por meio das suas relações com os outros e nos grupos aos quais pertencem, como família, amigos, trabalho etc. O compartilhamento de memória que desenvolve identidades coletivas gera uma distinção cultural observável em formas simbólicas expressas por esses sujeitos em suas práticas cotidianas (Assmann, 2011, p. 152). Nos núcleos familiares e nas trocas comunitárias realizadas pelos grupos, percebemos o compartilhamento das memórias desde a infância até a fase adulta, muitas vezes vinculadas a locais. Com a premissa de compreender esses meios de manifestação da memória, utilizamos a ideia de Aleida Assmann (2011, p. 320) de locais de geração, em que a memória se vincula a um espaço que carrega lembranças e laços afetivos familiares, fixos e duradouros, ultrapassando gerações do mesmo tronco familiar.

Atreladas à ideia de locais de geração, as memórias, em seu sistema simbólico, também configuram heranças narrativas passadas por gerações. A pós-memória está vinculada primordialmente ao núcleo familiar e parte das experiências traumáticas, configurando uma transmissão dessa memória vivida pelo sujeito aos seus descendentes por meio de laços afetivos profundos, capazes de torná-la projetável nas narrativas intergeracionais (Hirsch, 2012, p. 5 *apud* Ferreira; Heineberg; Assunção, 2020, p. 17). A família, portanto, é o espaço privilegiado para a aplicabilidade da pós-memória por meio dos elos emocionais fortes construídos entre os seus membros, capazes de ligar as memórias de experiências traumáticas às herdadas pelos vínculos parentais.

Com relação à conceituação de pós-memória de Marianne Hirsch (2008, p. 106 *apud* Barata, 2022), as gerações seguintes dos imigrantes portugueses de Santa Isabel carregam memórias centrais para o entendimento do processo migratório e da formação de redes relacionais intrínsecas aos imigrantes portugueses. A herança memorialística deixada aos luso-brasileiros de Santa Isabel e entendida por meio da utilização da pós-memória possibilita-nos analisar os vínculos emocionais e culturais criados no meio comunitário e as redes que permaneceram entre a geração brasileira e a portuguesa das famílias imigrantes locais.

Os vínculos emocionais estabelecidos entre os dois lados do Atlântico podem se manifestar no convívio interno e externo da comunidade, assim como pelos objetos de memória. No seio das famílias portuguesas, a comida, as fotografias, as roupas, os

acessórios, os animais, entre outros elementos, funcionam como modo de estabelecer no sujeito em formação as memórias do grupo ao qual pertence. Em Santa Isabel, a festa da Padroeira foi um dos mecanismos utilizados para alcançar esse objetivo.

A intensidade dos símbolos materiais e imateriais na construção de identidade dos descendentes das famílias portuguesas imigrantes da comunidade pode ser compreendida ao analisar a inserção desses indivíduos em outros ciclos sociais na cidade de Petrópolis. No que tange à segunda geração, mudanças sutis aparecem, como a inclusão de outras profissões na comunidade e a extensão de redes sociais, mas as bases identitárias, como as escolhas matrimoniais, a religiosidade e os valores, permanecem as do grupo de origem.

Na terceira geração as mudanças aparecem de forma mais ativa, com o aumento da escolarização dos jovens, a entrada da tecnologia, as relações sociais e culturais voltadas para atividades oferecidas no centro urbano de Petrópolis em detrimento das práticas internas da comunidade. Nós nos perguntamos, entretanto, qual nível de modificação estrutural efetiva as ampliações das redes sociais do grupo luso-brasileiro exerceram na identidade dos sujeitos, pois, com base na participação e nas práticas observadas no cotidiano de Santa Isabel e na nossa experiência particular enquanto parte do grupo, as relações externas ocupam níveis menores do que a experimentada internamente e, portanto, não transpõem as fronteiras identitárias criadas pela comunidade de Santa Isabel na formação dos seus participantes.

A permanência das tradições fez com que os netos dos imigrantes portugueses incorporassem práticas próprias do grupo no cotidiano particular e normalizassem visões de mundo, como os laços de reciprocidade, criados por seus antepassados em Portugal. Conforme demonstramos anteriormente, a incorporação ativa das gerações brasileiras da comunidade na sociedade petropolitana modificou perfis no âmbito do trabalho e dos matrimônios e as redes de amizade, embora a festa religiosa e cultural de Santa Isabel tenha se transformado em um elo de memória e identidade entre as gerações e uma renovação, simbólica, da aliança dos descendentes com a comunidade. Assim, perante as modificações do tempo, a festa de Santa Isabel tornou-se o principal patrimônio imaterial da comunidade, capaz de reforçar as identidades individuais de filhos e netos dos imigrantes portugueses.

SÍMBOLOS E PRÁTICAS PRESENTES NA FESTA DE SANTA ISABEL E SUAS REVERBERAÇÕES NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DA COMUNIDADE

No decorrer da nossa análise pudemos apurar a atuação do coletivo sobre os sujeitos pertencentes à comunidade de Santa Isabel, sejam os imigrantes portugueses, sejam os descendentes. A interferência da comunidade no modo de vida, nas escolhas e na visão de mundo dos luso-brasileiros pode ser compreendida ao analisarmos práticas culturais e sociais locais, como a festa de Santa Isabel. Esse poder de ação coletiva construída pelos imigrantes portugueses e suas famílias ao longo do século XX reverberou na visão de mundo e na formação de identidades adotadas pelos descendentes moradores da comunidade no século XXI.

A construção social da comunidade étnica de Santa Isabel deu-se nas sutilezas simbólicas imbricadas nas ações cotidianas de seus membros. Podemos dizer que a festa de Santa Isabel reúne em um tempo e um espaço vários símbolos representantes de gerações e clãs familiares. Paralelamente atribui aos patriarcas e matriarcas, guardiões, por herança, das ferramentas de identidade, sociabilidade e memória, um poder simbólico que, de acordo com Pierre Bourdieu (2003, p. 14), é o “poder de constituir

o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo". Com base na argumentação do autor, o poder simbólico só se torna efetivo quando há o reconhecimento de quem o pratica e de quem está sujeito a ele. A legitimação do poder simbólico por parte dos imigrantes portugueses na comunidade de Santa Isabel ocorre por meio da descendência ao incorporar costumes inconscientemente, pelo afeto, e conscientemente ao direcionar as suas ações para a perpetuação da memória luso-brasileira, observáveis na participação ativa e constante de filhos, netos e bisnetos, na festa local.

Diante da festa como o *locus* da transmissão simbólica, memorialística e identitária entre as gerações, analisaremos alguns elementos da comemoração como forma de compreender a prática do poder simbólico construído pelos imigrantes portugueses que atuam efetivamente na identidade individual e na permanência temporal da comunidade.

A festa de Santa Isabel tem por princípio a prática religiosa católica em comemoração à santa padroeira de Portugal, rainha Isabel, que nomeia a comunidade. A centralidade da nossa abordagem vem sendo as tentativas de preservar a identidade e a memória do grupo perante as mudanças do tempo e as gerações das famílias. Para tanto, seja em Portugal ou na comunidade étnica luso-brasileira, o papel da mulher na manutenção coletiva tornou-se central. Nesse ensejo, a trajetória de vida da rainha Isabel de Portugal será utilizada como ferramenta de legitimação da permanência das mulheres dentro da estrutura familiar e das redes sociais da comunidade, como zeladoras da paz e da harmonia.

De acordo com os franciscanos (Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, 2024), Santa Isabel era considerada protetora dos pobres, dada sua ajuda nas ações de caridade com trabalho voluntário e recursos financeiros. Nas missas realizadas na comunidade, no entanto, o papel de esposa e mãe foram os principais pontos abordados, atingindo diretamente a função que é esperada pelo grupo das mulheres locais. A infidelidade de Dom Dinis, rei de Portugal, permeou a vida conjugal de Isabel, assim como os problemas gerados com o povo português, por conta dos conflitos entre seus filhos. Mesmo diante desse cenário, Isabel permaneceu ao lado do marido em prol dos filhos, carregando, de acordo com as palavras proferidas pelo padre em sua homilia, "a cruz do martírio com humildade"².

Sabemos que, pela lógica da nobreza, não havia saída para a rainha Isabel diante dos erros de seu cônjuge, mesmo se fosse de seu desejo. Mas, ao ser incorporada no discurso religioso, a permanência de Isabel ao lado de seu esposo demonstra a resiliência da mulher em prol da família, a abnegação de seus desejos para o bem-estar dos seus filhos e da paz em Portugal, visto o cargo que ocupava. Criam-se, portanto, as mulheres da comunidade como as "isabéis" portuguesas.

Em prosseguimento, demonstra-se que a rainha Isabel de nada reclamava e tudo perdoava, mantendo-se fiel ao casamento. Da mesma forma, criou os filhos extraconjugais de seu marido conforme os preceitos cristãos (Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, 2024). Vejamos que a Igreja, baseada em valores como o perdão e a fidelidade, presentes na vida da santa, insere na construção da identidade feminina das luso-brasileiras da comunidade um propósito, quase uma missão, de assistir e preservar a família, base para a manutenção do grupo. Ao atrelar Santa Isabel à trajetória das mulheres por meio do discurso, fomenta-se nas sutilezas e nas

² Celebração eucarística em homenagem à padroeira Santa Isabel, realizada no dia 7 de julho de 2024, às 17h, na Igreja de Santa Isabel, situada no bairro Caxambu (Petrópolis/RJ).

analogias simbólicas a permanência feminina nas redes da comunidade, controlando, indiretamente, a liberdade de suas ações, já que não há questionamentos. Ao relatar a trajetória da rainha Isabel e os atos praticados pelo rei Dinis, subentende-se até mesmo que a traição masculina seja uma ação naturalizada para os homens, inclusive na comunidade de Santa Isabel, e cabe às mulheres manter o “lar cristão”.

A formação social da comunidade de Santa Isabel e das identidades individuais dos integrantes está atrelada diretamente à fé e à prática cristã católica, como observamos. A família, enquanto meio de sobrevivência coletiva, permanece como abordagem ao tratarmos das viúvas da comunidade. A morte dos maridos é um fator recorrente na história da comunidade, oferecendo um contingente considerável de mulheres em estado de viuvez. Novamente a trajetória da rainha Isabel de Portugal se encontra com a das viúvas, pois em 1335, após a morte de Dom Dinis, Isabel recolheu-se no Mosteiro das Clarissas, de Coimbra, onde ingressou na Ordem Terceira Franciscana (Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, 2024), direcionando-se para as obras divinas. Já na comunidade, as viúvas parecem seguir esse mesmo caminho, dedicando-se às tarefas da Igreja, ao cuidado dos filhos e principalmente não realizando novos casamentos. A devoção a Santa Isabel, expressada coletivamente na festa, ultrapassa o campo da fé, marcando a identidade do grupo, principalmente das mulheres portuguesas e brasileiras pertencentes ao meio.

A procissão dos santos marca um momento importante da festa de Santa Isabel. Novamente as correlações dos papéis dos santos com os dos sujeitos da comunidade aparecem, simbolicamente, representadas na organização do rito religioso, no qual as mulheres carregam as santas, e os homens, os santos, com exceção de Santa Isabel, dado o peso do andor. O ato de carregar os santos inclui alguns fatores: a devoção religiosa, a proximidade do humano com o divino e o reconhecimento, ou seja, o *status* social para esses sujeitos na comunidade. Ser escolhido e oferecer-se para carregar os santos demonstra o compromisso para com a comunidade e para com os santos protetores. Consequentemente, em minutos, conseguimos observar as manifestações de identidade e as disputas de poder, especificamente do poder simbólico, que é reconhecido pelo grupo acerca da função das imagens dos santos para a sobrevivência da comunidade.

Figura 1 – Procissão religiosa em comemoração a Santa Isabel



Fonte: Arquivo pessoal de Natalia da Paz Lage (2024)

No que tange à procissão, conseguimos observar, após a organização dos andores e dos membros eclesiásticos, o povo se unindo para caminhar rezando o terço mariano. A ligação com a imagem de Maria faz-se diretamente com a cultura portuguesa, principalmente de regiões rurais, como Vila Real, situada ao norte de Portugal. A imagem de Nossa Senhora de Fátima sempre esteve presente, mesmo a festa não sendo em sua homenagem. A escolha de rezar o terço coletivamente reverbera o sentimento de intercessão junto a Maria, assemelhando-se à imagem dos pastorzinhos em Fátima. A memória e a simbologia da cultura dos imigrantes portugueses agricultores passam para os descendentes, que nunca estiveram em Portugal, por meio da tradição anual de rezar o terço na festa, de estar na procissão, de carregar os andores etc.

A escolha dos santos estava relacionada com as preces que a comunidade necessitava para as suas práticas diárias, como a boa colheita, os cuidados com os animais, o casamento, o modo de vida rural e a viuvez. Além de Santa Isabel, padroeira, e da imagem de Nossa Senhora de Fátima, considerada protetora dos segredos, as famílias escolheram: Santo Antonio, conhecido por ser casamenteiro e protetor dos agricultores; São Francisco de Assis, padroeiro dos animais e dos pobres; e Santa Rita de Cássia, padroeira das causas impossíveis e das viúvas. Para acompanhar Santa Isabel, os moradores escolheram intercessores que fazem parte do cotidiano da comunidade e são populares na sociedade portuguesa. Ainda nos andores, há as ornamentações, ricas em flores do campo, enfeitadas pelas famílias luso-brasileiras da comunidade e plantadas nas chácaras locais. A dedicação e a oferta, por parte dos indivíduos, de um produto integrante da sobrevivência econômica local expressam o valor social que a festa e a religião ocupam no sentimento de pertencimento do indivíduo para com a sociedade.

Figura 2 – Andor de Santa Isabel



Fonte: Arquivo pessoal de Natalia da Paz Lage (2024)

Figura 3 – Andor de Nossa Senhora de Fátima



Fonte: Arquivo pessoal de Natalia da Paz Lage (2024)

Nas laterais do andor de Santa Isabel são colocadas duas mulheres, uma segurando a bandeira do Brasil e a outra de Portugal, para a realização da procissão. Por meio de símbolos nacionais e novamente a presença da figura feminina, comunica-se a mensagem de conexão entre os dois lados do Atlântico para o mundo externo. Por mais que haja mudanças próprias da interação com a sociedade brasileira, a presença da bandeira portuguesa reforça a ideia da existência de uma comunidade étnica e de famílias construídas sobre a tradição cultural e social portuguesa, origem dos fundadores. Corrobora a argumentação a vestimenta utilizada pela portadora da bandeira portuguesa. São usados trajes tradicionais da cultura lusitana, com a saia bordada com flores, em relação direta à primeira ocupação agrícola dos imigrantes portugueses da comunidade, em tom preto, comum nos trajes tradicionais da região transmontana e do Minho; e a finalização da composição é feita com o lenço bordado, usado cotidianamente pelas portuguesas do século XIX e XX, cobrindo os cabelos ou os ombros. Obviamente compõem o traje elementos do contexto atual desses indivíduos, como o tênis, o que não desmobiliza a tentativa da segunda e da terceira geração de trazer a história da comunidade por meio da figura de si.

Figura 4 – Vestimenta tradicional portuguesa utilizada por descendente da comunidade



Fonte: Arquivo pessoal de Natalia da Paz Lage (2024)

No âmbito da festa cultural de Santa Isabel, os descendentes manifestam outros mecanismos identitários construídos pelos seus antepassados lusitanos. A comida, como funciona em outros núcleos sociais étnicos, atua ativamente na construção de significados e de memória nas gerações mais novas da comunidade. Entre as atividades tradicionais ligadas à culinária acentuamos a feitura do bolinho de bacalhau e do quentão, bebida popular nas festas juninas brasileiras, tendo sua difusão em Minas Gerais, mas elaborada pelos portugueses no período colonial como substituto da bebida tradicional europeia do vinho quente com especiarias, que tinha por objetivo aquecer no longo período frio do inverno.

A prática do leilão, comum nas festas populares do norte português, ocorre em Santa Isabel desde o início das festividades, ainda no século XX. A finalidade do leilão é arrecadar dinheiro para a igreja com a venda de produtos rurais doados pelas famílias locais, como animais, plantas, esterco de galinha (empregado nas lavouras) e bebidas, entre elas o vinho. Na área musical, a festa traz apresentações de músicas tradicionais portuguesas e o forró, gênero popular brasileiro, demonstrando as inserções culturais do país de recepção.

E quando era época da festa de Santa Isabel então, aí que era uma festa mesmo, vinha gente até do Rio, aqueles portugueses do Rio. A festa era a mesma coisa que é hoje, tinha exposição, as barracas, o leilão, que nos primeiros anos tinha boi, vaca, até burro. E todo mundo levava muito a sério a brincadeira, ia ver qual era que dava os lances maiores, eles ganharam muito dinheiro ali no leilão (Peixoto, 2020).

Por fim, chama a atenção a distribuição das famílias no decorrer da festa, na qual os núcleos se concentram em mesas distintas, interagindo por meio de ambientes de encontro, como as barraquinhas e a pista de dança. A divisão familiar apresenta-nos um panorama da forma organizacional da comunidade, confirmando a ideia da existência de clãs, baseados nos laços de parentesco, que se estabelecem coletivamente mediante alianças de reciprocidade. Tanto na festividade religiosa quanto cultural de Santa Isabel, a identidade formada pelas redes familiares e pelos aspectos culturais portugueses manifesta-se na participação das diferentes gerações, seja de imigrantes, seja de brasileiros.

CONCLUSÃO

Por intermédio dos pontos apresentados, podemos aferir que a segunda e a terceira geração das famílias imigrantes de Santa Isabel, mesmo nunca tendo estado em Portugal, internalizaram nas suas identidades, consciente ou inconscientemente, por meio do coletivo comunitário e da vivência na infância e na juventude com os pais e os avós portugueses, os valores, os aspectos físicos e simbólicos e o sentimento de pertença à cultura portuguesa.

Da mesma forma, a sobrevivência da comunidade de Santa Isabel só ocorreu porque a descendência dos imigrantes vindos na leva de 1930/1940, de forma ativa, reproduziu tradições e elementos representativos elaborados pelos imigrantes portugueses nas suas ações práticas cotidianas. A festa de Santa Isabel foi e é o momento em que se concentraram as ferramentas de memória, e são reafirmadas, anualmente, as alianças dos sujeitos com a coletividade de Santa Isabel, retratadas nas famílias que a compõem.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BARATA, Eduarda. Pós-memória. In: CEIA, Carlos. **E-Dicionário de Termos Literários**. 21 jul. 2022. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/pos-memoria>. Acesso em: 29 set. 2023.

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína *et al.* **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183- 191.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CABO, Maria do Carmo da Paz Alves do. **Maria do Carmo da Paz Alves do Cabo: entrevista oral** [5 ago. 2024, Petrópolis (RJ)]. Entrevistadora: Natalia da Paz Lage.

CARVALHO, José. **José Carvalho**: entrevista oral [19 fev. 2023, Petrópolis (RJ)]. Entrevistadora: Natalia da Paz Lage.

CASTRO, Celeste. **A emigração na freguesia de Santo André de Campeã (1848-1900)**. Porto: Cepese e Edições Afrontamento Ltda., 2010.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. v. 1: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1980.

DINIZ, Cacilda. **Cacilda Diniz**: entrevista oral [19 set. 2020, Petrópolis (RJ)]. Entrevistadora: Natalia da Paz Lage.

DINIZ, José Bernardino Martins. **José Bernardino Martins Diniz**: entrevista oral [16 out. 2022, Petrópolis (RJ)]. Entrevistadora: Natalia da Paz Lage.

FERREIRA, António Gomes. O perigo do amor: argumentos sobre a fundação das relações sócio-afectivas na família portuguesa do Antigo Regime. **Revista Educação e Tecnologia**, Instituto Politécnico da Guarda, v. XVI, ago. 1995. Disponível em: <https://bdigital.ipg.pt/dspace/handle/10314/852?mode=full>. Acesso em: 20 maio 2023.

FERREIRA, Maria da Conceição Coelho; HEINEBERG, Ilana; ASSUNÇÃO, Sandra. Pensando as narrativas memoriais e pós-memoriais em tempo de vulnerabilidade. **Revista Letras Raras**, Campina Grande, v. 9, n. 2, 2020.

GOMES, Maria Elisabete Pires. **Maria Elisabete Pires Gomes**: entrevista oral [8 ago. 2024, Petrópolis (RJ)]. Entrevistadora: Natalia da Paz Lage.

GONÇALVES, Laurinda de Almeida Levandeira. **Laurinda de Almeida Levandeira Gonçalves**: entrevista oral [21 jul. 2024, Petrópolis (RJ)]. Entrevistadora: Natalia da Paz Lage.

LAGE, Maria de Fátima de Almeida. **Maria de Fátima de Almeida Lage**: entrevista oral [15 jun. 2024, Petrópolis (RJ)]. Entrevistadora: Natalia da Paz Lage.

LAGE, Maria Sofia. **Maria Sofia Lage**: entrevista oral [24 set. 2020, Petrópolis (RJ)]. Entrevistadora: Natalia da Paz Lage.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína *et al.* **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 167-182.

MORAES, Paulo. **Paulo Moraes**: entrevista oral [15 out. 2022, Petrópolis (RJ)]. Entrevistadora: Natalia da Paz Lage.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 20 jul. 2024.

PASCAL, Maria Aparecida Macedo. Emigrar, não casar ou esperar: o destino das mulheres portuguesas em fins do século XIX e início do século XX – trajetórias e experiências. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 22., João Pessoa, 2003. **Anais [...]**.

PEIXOTO, Maria Izabel. **Maria Izabel Peixoto**: entrevista oral [27 ago. 2020, Petrópolis (RJ)]. Entrevistadora: Natalia da Paz Lage.

PEREIRA, Maria. **Maria Pereira**: entrevista oral [17 set. 2020, Petrópolis (RJ)]. Entrevistadora: Natalia da Paz Lage.

PROVÍNCIA FRANCISCANA DA IMACULADA CONCEIÇÃO DO BRASIL. **Santa Isabel de Portugal**. Disponível em: <https://franciscanos.org.br/vidacrista/calendario/santa-isabel-de-portugal/#gsc.tab=0>. Acesso em: 30 jul. 2024.

RODRIGUES, Maria Nazaré. **Maria Nazaré Rodrigues**: entrevista oral [11 mar. 2023, Petrópolis (RJ)]. Entrevistadora: Natalia da Paz Lage.

SCOTT, Ana Silvia Volpi. **Os portugueses**. 1. ed., 4. reimpr. São Paulo: Contexto, 2018.

VIEIRA, Fernando. **Fernando Vieira**: entrevista oral [7 set. 2020, Petrópolis (RJ)]. Entrevistadora: Natalia da Paz Lage.

WALL, Karin. **Famílias no campo**: passado e presente em duas freguesias do Baixo Minho. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.